

# 261 Rio teve o seu feriado mais triste

A cidade ontem viveu um feriado triste. Embora praias e áreas de lazer, na Zona Sul, estivessem repletas, o clima era de consternação. As conversas nos bares, quase sempre em tom baixo, falavam do mesmo assunto: a morte do Presidente Tancredo Neves e da Nova República sem ele.

Mesmo em locais como o Clube Cultural e Recreativo do Posto Seis, no calçadão de Copacabana, onde ontem se reuniam cerca de 400 pessoas, para jogar cartas, os jogadores permaneceram atentos às notícias da televisão, que durante todo o dia permaneceu ligada. A emoção, muitas vezes, atrapalhou uma jogada, como no caso de Dona Dinah Faro Resende, que disse estar ali "para não enlouquecer dentro de casa". Assim que ela soube da morte do Presidente, "não conseguiu ficar sozinha e procurou os amigos, no Clube".

As ruas do Centro estavam absolutamente vazias, as dos bairros com muito pouco movimento. As casas de comércio — à exceção de padarias, farmácias e uns poucos restaurantes e bares — ficaram fechadas todo tempo. A grande maioria da população passou o tempo todo diante das telas das televisões, acompanhando os acontecimentos.

## Consternação

Assim como Dona Dinah, a maioria dos jogadores, senhores já aposentados, conheciam bem a vida política de Tancredo Neves, e falaram dele, como se fosse um amigo.

— Ele, antes de morrer, deixou tudo preparado. O Sarney é um imortal, um homem de bem, de cultura, bom chefe de família. Tenho certeza de que cumprirá os ensinamentos do nosso amigo e Presidente Tancredo Neves — disse emocionado Raimundo Neves.

Embora a maioria dissesse que estava preparada para a notícia pior, que seria a morte do Presidente, alguns sentiram a dor, "como se estivessem perdendo um parente, um amigo querido", como disse Ernani Resende.

— Parece reencarnação. Tancredo morrer no dia do sacrifício do mártir Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes — disse Dona Dinah, espiritualista, mas, segundo ela, mesmo assim precisou tomar dois calmantes para controlar a emoção, quando recebeu a notícia.

Nos bares de Ipanema, os jovens também demonstravam um sentimento de tristeza e de respeito, e falavam em Tancredo Neves, quase sempre em voz baixa.

— Acho que o sofrimento dele não foi em vão. Tem que servir de exemplo para nós, jovens, que não conhecemos as lutas que Tancredo Neves desenvolveu para implantar um sistema democrático no País — disse em tom de respeito André Ribeiro, de 17 anos, em conversa com amigos na mesa do Bar Garota de Ipanema.

Os amigos de André, tão jovens quanto ele, concordaram e foram unânimes em dizer que "Tancredo Neves se tornou um símbolo da luta dos jovens que não deixarão cair no esquecimento seus ensinamentos". Rememoraram os comícios das diretas e da campanha eleitoral. Falaram da garra com que Tancredo subia aos palanques, sua figura carismática de líder conciliador.

— Tancredo não morreu. Ele vive na memória de 130 milhões de brasileiros que ainda não perderam a esperança de fazer deste país uma democracia, como ele queria — disse emocionado Marcelo Camargo, de 21 anos, mineiro como o "seu eterno líder".